

SERRALVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English

RUI CHAFES
CHEGAR SEM PARTIR

GRANDE EXPOSIÇÃO

PARQUE E MUSEU DE SERRALVES

EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

A exposição *Rui Chafes: Chegar sem partir* foi organizada pela Fundação de Serralves, com curadoria de Inês Grosso e Philippe Vergne e coordenação de Filipa Loureiro. Projeto Expositivo: Camilo Rebelo.

The exhibition *Rui Chafes: Arriving without leaving* was organised by the Serralves Foundation and curated by Inês Grosso and Philippe Vergne, with the coordination of Filipa Loureiro. Exhibition Design: Camilo Rebelo.

VISITAS ORIENTADAS **GUIDED TOURS**

09 OUT | DOM SUN | 12H00 12:00 PM
27 NOV | DOM SUN | 12H00 12:00 PM

PERFORMANCE

COMER O CORAÇÃO

Parque de Serralves Serralves Park
Escultura em ferro e desenho de Rui Chafes, performance de Vera Mantero.
Iron sculpture and drawing by Rui Chafes, performance by Vera Mantero.

18 SET | DOM SUN

(horário a indicar exact time to be announced)

A performance *Comer o Coração* nesta data integra-se no Ciclo Vera Mantero *O que a minha dança diz*, programado pelo Serviço de Artes Performativas de Serralves e que decorrerá até maio de 2023.

The performance *Eating your heart out* is part of Vera Mantero's Cycle *What my dance says* curated by the Serralves' Performing Arts Department until May 2023.

CATÁLOGO **CATALOGUE**

A exposição é acompanhada por uma publicação composta por dois volumes, o primeiro dos quais, para além dos textos dos curadores da exposição, conta com o contributo de uma série de autores que têm acompanhado a obra do artista ao longo das últimas décadas: Armin Zweite, Doris von Drathen, Maria Filomena Molder, Nuno Crespo e Ulrich Loock. O livro inclui ainda um ensaio fotográfico inédito que nos mostra, através do olhar do designer Pedro Falcão, imagens do atelier e do processo de trabalho do artista. O segundo volume, com data de lançamento prevista para setembro, oferece um vasto conjunto de vistas da exposição e das obras, possibilitando um percurso pelo Museu e seu entorno.

The exhibition is accompanied by a publication consisting of two volumes, the first of which, features texts written by the exhibition curators and especially commissioned contributions by authors who have been following the artist's career over the last few decades: Armin Zweite, Doris von Drathen, Maria Filomena Molder, Nuno Crespo, and Ulrich Loock. Furthermore, it includes a previously unpublished photographic essay which shows us, through the eyes of designer Pedro Falcão, images of the artist's studio and his working methods. The second volume, scheduled to be launched in September, will offer a vast array of images from the exhibition and of the works themselves, immersing the reader in the Museum and its surroundings.

RUI CHAFES CHEGAR SEM PARTIR

“O vazio é absoluto e só pode ser preenchido pela verdade (beleza), pela identidade e pela consciência do nada do próprio vazio. Só a forma e o vazio são universais. Tudo o mais é pó.”¹

Desde o seu primeiro dia, o Museu de Serralves tem vindo a desenvolver uma estratégia de promoção e dinamização da arte contemporânea nacional assente na organização e produção de exposições monográficas com artistas portugueses de diferentes gerações e áreas de formação.

As exposições realizadas recentemente em torno da obra de vários artistas essenciais do panorama da arte em Portugal têm possibilitado uma visão atual e crítica da criação artística do nosso país. Na continuação deste objetivo, o Museu de Serralves convidou o artista Rui Chafes (Lisboa, 1966) para integrar a programação do segundo semestre de 2022 com uma grande exposição que se estende do interior do edifício projetado pelo arquiteto Álvaro Siza aos jardins exteriores, num diálogo inédito com o parque e a envolvente natural do Museu, que serve simultaneamente de inspiração e cenário para uma reflexão sobre a diversidade da sua prática escultórica.

Com uma obra teórica conceitualmente ancorada nas premissas fundamentais do gótico tardio e do romantismo alemão, enriquecida pelas heranças universais de Marcel Duchamp (1887-1968), dos pós-minimalistas americanos e de artistas incontornáveis como Joseph Beuys (1921-1986), Chafes é um autor que se define por uma consistência e rigor incomuns, e que discretamente se tem mantido distante de tendências e preocupações politicamente intervencionistas. Amplamente representado na Coleção de Serralves, o artista tem sido uma presença regular na programação do Museu, participando de vá-

rias exposições no Porto, mas também nas instituições parceiras que integram o nosso Programa Nacional de Itinerâncias. *Chegar sem partir*, com curadoria de Philippe Vergne e Inês Grosso, em estreito diálogo com o artista, representa o culminar de anos de colaboração, assim como um pretexto para reveritar momentos marcantes do percurso de um dos mais relevantes escultores da atualidade.

Rui Chafes licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 1989. Entre 1990 e 1992 viveu na Alemanha, onde frequentou a Academia de Arte de Düsseldorf, sob a direção de Gerhard Merz (1947) – artista de um formalismo rigoroso e profundamente vinculado às premissas do modernismo. É então que, com apenas vinte e seis anos, traduz os *Fragmentos* de Novalis, para português (1992, Assírio & Alvim), numa edição acompanhada por um conjunto de desenhos que simbolizam admiravelmente a unidade entre natureza e espiritualidade. No período inicial da sua produção, e em particular no contexto das primeiras individuais organizadas pela Galeria LEO (1986 e 1987) e pelo Espaço Poligrupo / Renascença (1988), ambas em Lisboa, destacam-se as instalações temporárias realizadas com materiais banais e perecíveis, como o Platex, ripas de madeira, troncos e canas. Estes trabalhos já anunciavam um dos aspetos centrais do que viria a ser a sua obra escultórica: a relação entre escultura, espaço e corpo. A partir de então dedica-se ao uso exclusivo do ferro, que posteriormente é polido e pintado a negro mate, fazendo desaparecer os vestígios e marcas da execução. Rui Chafes martela, solda e combina placas de ferro para criar famílias de objetos enigmáticos e misteriosos que, parafraseando o artista, são sombras ou uma espécie de negativo do mundo que encarcera e aprisiona o vazio, o silêncio absoluto: casulos, ninhos, insetos, couraças, máscaras ou peças de vestuário representam simultaneamente uma memória e uma pele que protegem e anunciam um corpo ausente.

1. Rui Chafes em entrevista a Alexandre Melo; citação retirada do ensaio de Hubertus Gassner in *Harmonia*, Porto: Galeria Canvas & Companhia, 1998.

Cobrinando mais de três décadas de atividade, a exposição inclui trabalhos da fase inicial da sua produção escultórica e um conjunto de obras especificamente pensadas para o Museu e Parque de Serralves. O título remete para a noção de ciclicidade do tempo, da repetição infinda de acontecimentos, lembrando que todos estamos sujeitos a esta circularidade, à vertigem abissal do eterno retorno. Do seu enunciado à sua materialização, este grupo de peças sugere sensações de estranhamento, tensão e angústia. Incisões que ferem e abalam as nossas crenças e certezas existenciais.

No interior do edifício podemos encontrar uma sequência de momentos e ambientes, instalações tão mentais quanto sensoriais que colocam o corpo do espectador em confronto com o espaço e as obras e, em última instância, consigo mesmo. A exposição convoca conceitos e dualidades muito presentes na obra do artista, tais como, silêncio-vazio, presença-ausência, escuro-frio, dor-sofrimento, pausa-movimento, memória-tempo, vida-morte.

Sudário, uma escultura de 2018 cujo título evoca a mortalha que envolveu o Corpo de Cristo, é a peça que primeiro recebe os visitantes. Suspensa no corredor, a poética espiritual e mística desta obra funciona como prólogo e epílogo. Uma vez na primeira sala, somos engolidos por uma escuridão profunda à medida que o silêncio e o vazio se impõem. Depois de uns minutos, quando os olhos se habituam, identificamos a presença espectral de cinco esculturas que pairam no ar como vultos de objetos cortantes. *Tranquila ferida do sim, faça do não* (2013/18), oferece uma experiência mística e metafísica no espaço, um momento de epifania e revelação. A partir daí, a exposição apresenta-nos um conjunto de obras significativas no percurso de Rui Chafes, algumas das quais foram destruídas após a sua primeira e única apresentação, como é o caso das instalações *site-specific Medo não medo* (1988/98) – refeita e adaptada ao longo corredor desenhado por Álvaro Siza – e *A não ser que te amem*, (1987) que explora a relação entre cor, corpo e imaterialidade. Nela, o visitante é desafiado

a vivenciar a cor, um azul Klein que desmaterializa as formas curvas do Platex, ao mesmo tempo que apela às noções de permanência e efemeridade, memória e experiência, sempre transversais à obra do artista. Das grandes instalações escultóricas, destaca-se ainda *Sem nascer nem morrer* (2022), concebida para a pequena sala onde todas as outras bifurcam, e *Burning in a forbidden sea* (2011), acompanhada por uma composição sonora e texto da artista irlandesa Orla Barry que nos transporta para o ambiente de uma melodia mântica ou ritual, uma evocação de práticas ancestrais que conjuga escultura, som e palavra.

Como sombras flutuantes, as suas esculturas de ferro negras habitam um espaço sem gravidade que desafia a nossa perceção e entendimento das relações entre volume, massa e espaço. Esta é a razão pela qual muitas vezes não tocam o solo ou, quando tocam, o fazem fugazmente: instantes suspensos no tempo e no espaço, como os pequenos sapatos, esquecidos no vazio da solidão em bicos de pés. Em *Não quando os outros olham II* (1996), o vazio converte-se, uma vez mais, em gesto e em presença no espaço, em elemento catalisador da nossa imaginação. A ação de suspender o tempo é um dos aspetos mais relevantes da obra de Rui Chafes, aqui, potenciada pela iluminação ténue e ambiente sombrio.

O diálogo e interação entre corpo, obras e espaço está também presente nas esculturas de menores dimensões, como as obras da série *Cristal* – máscaras que constroem, enclausuram e torturam o corpo – e nas caixas com cinzas de papéis sobre os quais figuraram notas e apontamentos pessoais do artista – *O silêncio de...* (1984/2022) –, túmulos selados que nos recordam que somos pó e voltaremos à nossa essência (Gn 3,19).

O desenho, uma prática recorrente e compulsória que Chafes raramente traz para a esfera pública, surge pela primeira vez ao lado das esculturas, como um fio condutor, poético e conceptual da exposição. Com

referências a elementos do mundo botânico e a uma natureza exuberante que pulsa e irradia do papel, estes desenhos são elos de ligação entre o mundo natural e as formas puras das esculturas.

No *hall* do Museu, uma sequência de mais de vinte esculturas pertencentes à série *Balthazar* recorda-nos a paixão que o artista nutre pelo cinema, neste caso uma alusão a *Au hasard Balthazar* [Peregrinação Exemplar, 1966], um dos filmes mais aclamados do cineasta francês Robert Bresson (1901-1999), que conta a história de um burro desde a sua infância bucólica, numa pacata aldeia dos Pirenéus, até à idade adulta como animal de carga oprimido. As deambulações do burro Balthazar exprimem noções fundamentais do universo de Bresson: o acaso, a condição humana e os defeitos, qualidades e virtudes que nos distinguem. A obra recorda-nos os acessórios de equitação, entre eles cabeçadas e rédeas, dispostos em fileira como troféus numa alusão à nossa própria condição humana. É importante salientar a multiplicidade de referências ao cinema, mas também à literatura e à música, que podemos encontrar na obra de Chafes, muitas vezes no papel de argumento ou inspiração para os títulos das suas obras e exposições.

A exposição prossegue nos jardins de Serralves, um passeio pelo Parque e pela carreira do artista que apresenta esculturas de diferentes períodos e outras criadas especificamente para este contexto – como é o caso de *Chegar sem partir*, a escultura de 6 metros que dá título à exposição. Neste caso, o artista cria a ilusão de um movimento de rotação, um vórtice centrípeto que propõe conceitos aparentemente dicotómicos: peso e solidez, fluidez e leveza. A obra teve como ponto de partida uma gravura do pintor e gravador japonês Katsushika Hokusai (1760-1849), na qual um grupo de viajantes é atingido por uma rajada repentina de vento, que leva chapéus e papéis pelos ares. Outra obra concebida para os jardins de Serralves, *Tu e eu* (2022), encontra afinidade com uma peça anterior, atualmente

no Museu de Arte Contemporânea de Roma (MACRO), e consiste em dois elementos verticais, de oito metros de altura encostados num improvável equilíbrio que nos lembra as varas de ferro sustentadas por bolas de golfe no já referido corredor do Museu.

Ao longo dos anos, habituámo-nos a ver as suas esculturas negras em diferentes contextos – igrejas, jardins, palácios, espaços públicos –, estabelecendo relações de complementaridade e dependência mútua com o seu entorno. Das obras instaladas nos jardins de Serralves, relevamos ainda as peças *Comer o coração* – que teve origem numa parceria entre o artista e a coreógrafa e bailarina Vera Mantero no âmbito da 26.ª Bienal de São Paulo (2004), um trabalho que convoca uma negociação entre escultura, corpo e performance e tem a Casa de Serralves como pano de fundo – e *Volúpia Prudente, indômita fome* (2000) que, totalmente camuflada nos jardins, envolve o tronco de uma árvore como uma armadura ou carapaça.

Por último, no âmbito desta exposição, inauguramos ainda uma escultura subterrânea intitulada *Travessia*, um projeto especialmente pensado para o Passeio da Levada que amplia a área de visitação do Parque. Evocando as ideias de peregrinação e de renovação mística, o artista convida-nos a percorrer um trilho sinuoso, um túnel escuro que termina numa câmara central iluminada por raios de luz natural que são até ali conduzidos por um óculo, e revelam uma escultura de formas orgânicas reminiscentes de um casulo em metamorfose. O artista convoca as relações entre arte, arquitetura e espiritualidade, templo e arquitetura, abrigo e refúgio, sagrado e profano, luz e trevas, misticidade e transcendência. Com a inauguração desta obra, Rui Chafes junta-se à lista de artistas com esculturas permanentes nos jardins do museu – uma coleção de arte contemporânea viva, em constante crescimento e atualização – entre as quais destacamos as obras de Alberto Carneiro e Richard Serra, nomes relevantes na formação do escultor português.

RUI CHAFES

ARRIVING WITHOUT LEAVING

"The void is absolute and can be filled only with truth (beauty), identity and the awareness of nothing and the void itself. Only form and the void are universal. All the rest is dust."²

From its early days, Serralves Museum has dedicated itself to fostering and championing Portuguese contemporary art, developing a programme of anthological exhibitions by Portuguese artists from different generations and backgrounds.

Recent exhibitions have featured the work of a number of artists who are essential names on the Portuguese art scene, thus providing a critical, up-to-date overview of artistic production in the country. In a similar vein, Serralves Museum invited artist Rui Chafes (Lisbon, 1966) to be part of 2022 second season schedule with a major exhibition which extends from the interior of the building designed by architect Álvaro Siza, to the museum grounds, engaging in an unprecedented intervention upon the surrounding parklands of the museum, which simultaneously serve as an inspired setting for a reflection upon the sheer diversity of his sculptural practice.

With a theoretical and conceptual framework founded on fundamental premises of the late gothic and German Romanticism, enriched by the timeless legacies of Marcel Duchamp (1887-1968), the American post-minimalists and distinguished names such as Joseph Beuys (1921-1986), Chafes is known for his exceptional rigour and consistency, having always kept himself at a discreet distance from the latest trends and political concerns. Amply represented in the Serralves Collection, the artist has been a regular presence in the Museum's roster of exhibitions not only in Porto, but also in partner institutions that are

incorporated in the Touring Exhibitions Programme. *Arriving without leaving*, curated by Philippe Vergne and Inês Grosso, in close collaboration with the artist, is the culmination of years spent working together, as well as a pretext to enjoy once again some auspicious highlights in the career of one of today's most relevant sculptors.

Rui Chafes graduated in Sculpture from the Fine Arts faculty of the University of Lisbon in 1989. Between 1990 and 1992 he lived in Germany, where he studied at the Düsseldorf Art Academy, under the tutorage of Gerhard Merz (1947) – an artist known for his rigorous formalism, inextricably linked to Modernist theory. It was then, only twenty-six years old, that he translated Novalis' *Fragment* to Portuguese (1992, Assírio & Alvim), in an edition supplemented by a number of drawings which succinctly depicted the harmony between nature and spirituality. In the initial phase of his career, in particular his first solo exhibitions organised by galleries LEO (1986 and 1987) and Espaço Poligrupo / Renascença (1988), both in Lisbon, the temporary installations made from mundane, perishable materials such as Platex, wooden slats, tree trunks and sticks particularly stood out. These works already illustrated one of the key aspects of what was to become his sculptural body of work: the relationship between sculpture, space and the physical form. From that moment on he dedicated himself exclusively to working in iron, which at a later date would be polished and painted matt black, to forever erase any traces and marks of their execution. Rui Chafes would hammer, solder and combine iron plates to create a range of enigmatic and mysterious objects which, to paraphrase the artist, are shadowy negative images of a world which confine and imprison the void, and silence at its most absolute: cocoons, nests, insect-like forms, armour, masks or items of clothing simultaneously represent a memory and an outer skin that offers protection and is a testament to an absent body.

² Rui Chafes interviewed by Alexandre Melo; in a quote from the text *The Unknown Masterpiece* by Hubertus Gassner in *Harmonia*, Porto: Galeria Canvas & Companhia, 1998.

Spanning more than three decades' work, the exhibition includes pieces from the very beginning of his career as a sculptor and a series of works conceived especially for the Serralves Museum and Park. The title makes reference to the cyclic nature of time and the infinite repetition of events, reminding us that we are all subject to its circularity, to the plunge into the relentless abyss of life. From their enunciation to their consummation, this group of works triggers feelings of oddness, tension and anxiousness. Little incisions that wound, and shake our beliefs and existential certainties.

In the interior of the building, we find a sequence of enigmatic tableaux, installations as psychological as they are sensorial, which place viewers in confrontation with the space, the works, and ultimately, with themselves. The exhibition embraces concepts and dualities that pervade the artist's practice, such as silence-void, presence-absence, darkness-cold, pain-suffering, stasis-movement, memory-time, life-death.

It begins with *Sudário* [Sudarium], a sculpture from 2018 whose title evokes the shroud that was wrapped around the body of Christ. Suspended in the corridor, the spiritual and mystical poetry of this work functions as prologue and epilogue. As we enter the first room, a profound darkness swallows us up as utter silence and the void prevail. After a few minutes, as our eyes get used to the gloom, we make out the ghostly presence of five sculptures hanging in the air, sharp-edged, figure-like objects. *Tranquila ferida do sim, faca do não* [Quiet wound of the yes, knife of the no], (2013/18), takes us on a mystical, meta-physical journey within the space, a moment of epiphany and revelation. From there, we pass by a range of key works from Rui Chafes's career, some of which were destroyed after their one-off, inaugural presentation, as is the case of the site-specific installations *Medo não medo* [Fear not fear] (1988/98) – recreated and adapted for the long corridor designed by Álvaro Siza – and *A não ser que te amem* [Un-

less they love you] (1987), which explores the relationship between colour, body, and immateriality. In this space, visitors are challenged to surrender themselves to colour, a Klein blue which bleeds into the curves of the Platex forms we see, as it also intimates notions of permanence and ephemerality, memory and experience, a constant in the artist's work. Of the large-scale sculptural installations, equally significant is *Sem nascer nem morrer* [Without birth or death] (2022), conceived for the small connecting room, and *Burning in a forbidden sea* (2011), accompanied by a sound piece and text by Irish artist Orla Barry who whisks us away to the scene of a mantric melody or ritual, an evocation of ancestral practices that juxtaposes sculpture, sound, and word.

Like floating shadows, his black iron sculptures defy gravity and our perception and understanding of the relationships between volume, mass and space. This is the reason why they often hover above the ground or barely touch it: snapshots that are suspended in time, like the tiny pair of shoes, left discarded on tiptoe in the silent void. In *Não quando os outros olham II* [Not when others look II] (1996), the void metamorphosizes once again into gesture and physical presence in space. The action of suspending time is one of the most relevant aspects of Rui Chafes's work, here enhanced by the gloom of the subdued lighting.

The dialogue and interaction between body, work and space is also a constant in the smaller sculptures, such as in the *Cristal* series – masks which constrain, enclose and torture the body – and in the boxes of burnt paper shreds on which the artist had written personal notes or drawn upon – *O silêncio de...*, [The silence of...], (1984 / 2022) – sealed tombs which remind us that we too are dust and shall return to our essence eventually (Gn 3,19).

Drawing, an essential, recurring practice that Chafes rarely reveals in public, appears for the first time interspersed with the sculptures

like a poetic, conceptual leitmotif for the exhibition. With exuberantly depicted botanical references to the natural world that throb and jump out from the page, these drawings join certain dots between nature and the purity of form of the sculptures.

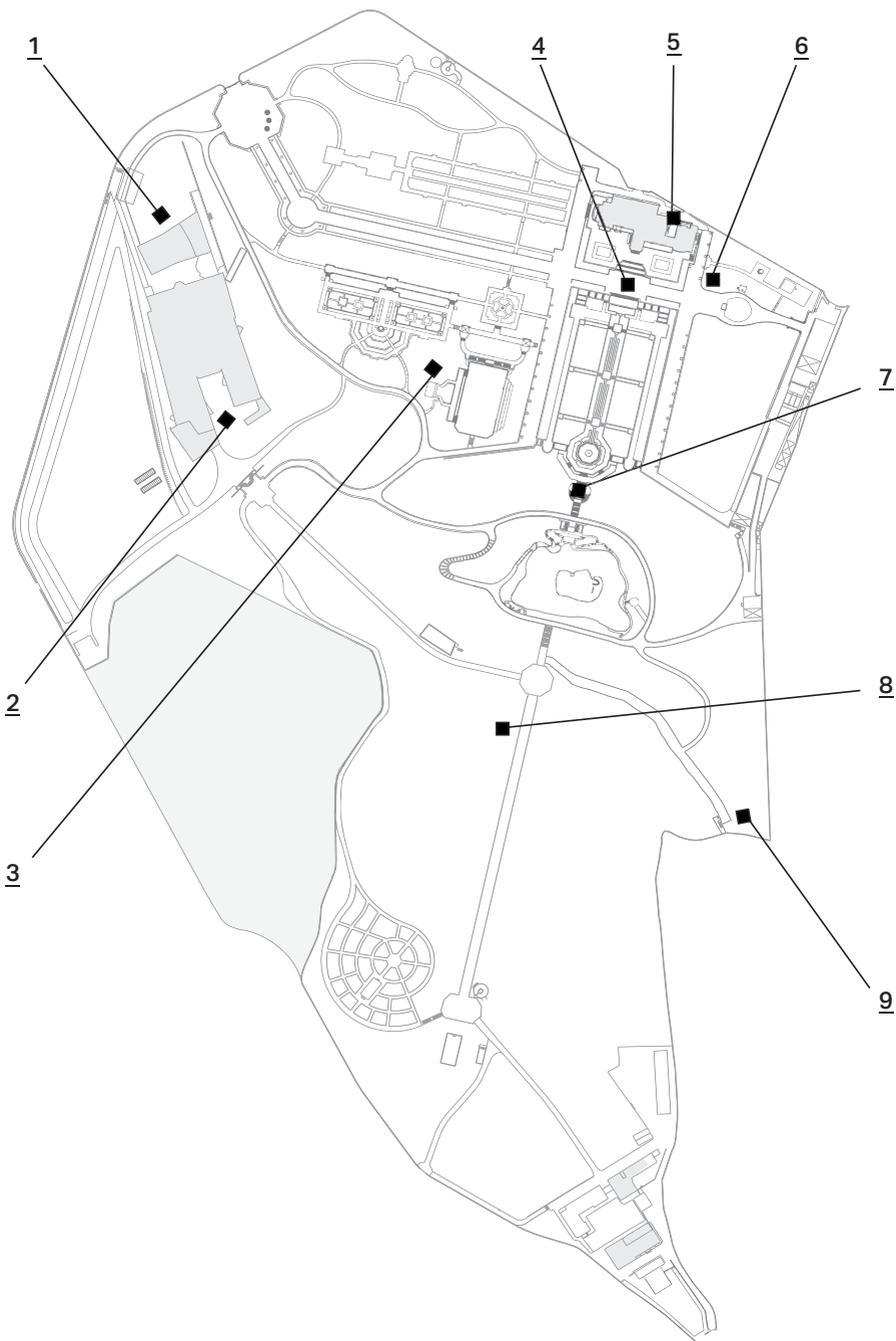
In the main hall of the Museum space, a sequence of more than twenty sculptures that belong to the *Balthazar* series remind us of the artist's passion for cinema, in this case making reference to *Au hasard Balthazar* (1966), one of the most acclaimed films of French auteur Robert Bresson (1901–1999), which tells the story of a donkey from its bucolic early days in an idyllic village nestled in the Pyrenees to adulthood as a maltreated pack animal. The donkey's travails express fundamental ideas of Bresson's worldview: the faults and virtues of the human condition, and the vagaries of fortune. This work reminds us of horse-riding equipment, halters and harnesses, displayed in rows like trophies in an allusion to our human condition. Not only is it salient to mention the abundant references to cinema in Chafes's work, but also literature and music, often manifesting themselves as plotlines or titles for his pieces or exhibitions.

The exhibition continues through the Serralves gardens, a journey through the Park and the artist's career which unveils sculptures from different periods and others created specifically for this occasion – as is the case of *Chegar sem partir* [Arriving without leaving], a 6 meters tall sculpture that lends the exhibition its name. In this work, the artist creates an illusion of rotating movement, a centripetal vortex that invokes apparently contradictory concepts: weight and solidity, fluidity and levity. The piece is inspired by a gravure by Japanese artist Katsushika Hokusai (1760–1849), in which a group of travellers is suddenly assailed by a gust of wind which carries off their parasols and papers. Another work conceived for the Serralves gardens, *Tu e eu* [You and I] (2022), shares certain traits with a previous work, currently at MACRO,

Rome's Museum of Contemporary Art, and consists of two vertical forms, eight metres high and leaning against each other at an improbable angle, which reminds us of the iron tubes resting on golf balls that can be found on the Museum's long corridor.

Over the years, his black sculptures have become familiar sights in different settings – churches, gardens, palaces, public spaces – engaging in mutual, complementary symbiosis with their surroundings. Of the works installed in the Serralves gardens, of particular note are also the pieces *Comer o coração* [Eating your heart out] – which originated following a collaboration between the artist and dance choreographer Vera Mantero for the 26th São Paulo Biennale (2004), a work which embraces sculpture, body and performance with the Serralves Villa as its backdrop – and *Volúpia Prudente, indómite fome* [Cautious voluptuousness, untamed hunger] (2000) which, entirely camouflaged by the gardens, wraps around the trunk of a tree like a suit of armour or carapace.

Finally, as part of the exhibition, we will be unveiling an underground sculpture entitled *Travessia* [Passage], a project specifically conceived for the Levada Walk, which has expanded the Park's visitable area. Evoking ideas of pilgrimage and mystic renewal, Rui Chafes invites us to follow a winding path down a dark tunnel ending in a central chamber lit by rays of natural light channelled through an aperture to reveal a sculpted organic form resembling a cocoon in metamorphosis. The artist addresses relationships between art, architecture and spirituality, architecture and temple, shelter and refuge, the sacred and the profane, light and darkness, mysticism and transcendence. With this work, Rui Chafes joins the select group of artists with permanent sculptures in the museum gardens – a constantly growing and expanding collection of contemporary art – including such venerable names as Alberto Carneiro and Richard Serra, formative references in the development of this Portuguese sculptor's career.



1

4

5

6

2

7

3

8

9

1

RUI CHAFES

Chegar sem partir Arriving without leaving, 2022

Ferro Iron

Coleção do artista Artist collection ,

2

RUI CHAFES

Tu e eu You and I, 2022

Ferro Iron

Coleção do artista Artist collection

3

RUI CHAFES

Was erschreckt Dich so? O que te assusta tanto?

What frightens you so much?, 2008 - 2009

Ferro Iron

Coleção Würth Würth Collection

4

RUI CHAFES

Comer o Coração (com Vera Mantero) Eating your heart out (with Vera Mantero), 2004

Aço Steel

Coleção Villax de Burnay Villax Burnay Collection

5

RUI CHAFES

Lua exausta Exhausted moon, 2000

Ferro Iron

Coleção José Lobo de Vasconcelos José Lobo de Vasconcelos Collection

6

RUI CHAFES

Mouchette, 2009

Ferro Iron

Coleção do artista Artist collection

7

RUI CHAFES

Campo de sombras Field of shadows, 2001

Ferro Iron

Coleção Villax de Burnay Villax Burnay Collection

8

RUI CHAFES

Volúpia prudente, indómita fome Cautious voluptuousness, untamed hunger, 2000

Ferro Iron

Coleção Privada Private Collection

9

RUI CHAFES

Travessia Passage, 2022

Ferro e betão Iron and concrete

Coleção Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea Collection Serralves Foundation - Museum of Contemporary Art

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m. – 1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Seg Mon - Dom Sun - Fer Holidays: 10h00-19h00

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat - Dom Sun - Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat - Dom Sun - Fer Holiday: 11h00-19h00

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

[f/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

[t/serralves_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[yt/fundacao_serralves](https://www.youtube.com/channel/UC...)

[ig/serralves](https://www.instagram.com/serralves)

Apoio institucional
Institutional support

Mecenas da Exposição
Exhibition supported by

